



DES-MEMÓRIAS DE UM *MENINO sem passado*

DIS-MEMORIES OF A BOY with no past

DES-MEMORIAS DE UN CHICO sin pasado

Francine Carla de Salles Cunha Rojas¹ & Edgar César Nolasco²

Resumo: O presente ensaio objetiva desenvolver o conceito de *des-memória* a partir do primeiro volume de memórias do crítico literário brasileiro Silviano Santiago, *Menino sem passado* (2021). Nesse volume, Santiago escreve sobre a primeira parte de sua vida, 1936 – 1948, na interiorana Formiga (MG), o convívio com a tradicional família mineira, a perda da mãe, a vinda da madrasta, a conturbada relação com o pai, as primeiras leituras realizadas em revistas de quadrinhos e o cinema. O ambiente familiar, nesse primeiro momento, é o prisma a partir do qual o crítico escreve e que se desdobra para um contexto mais amplo, o contexto histórico e político nacional. Dessa forma, a escrita ensaística da memória conclama o menino que vivia na interiorana Formiga e que alçava as primeiras letras através da leitura de hqs, o voraz leitor e jovem universitário boêmio e o experiente e renomado professor universitário na área de Literatura. O ensaio estrutura-se a partir de *chaves de leituras* disponibilizadas por Silviano Santiago ao longo do livro e que reunidas constroem o que chamamos de *des-memória*. Tal conceito emerge como uma possibilidade *outra*

¹ Graduada em Letras, com habilitação em espanhol, mestre e doutoranda em Estudos de Linguagens pelo PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens), UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Membro do Grupo de Pesquisa NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1647-699X>. Email: francine.rojas@ufms.br ou lucia_jbc@hotmail.com.

² Graduado em Letras pela UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), mestre e doutor em Literatura Comparada pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), realizou estágio pós-doutoral no PACC (Programa Avançado de Cultural Contemporânea), pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Coordenador do NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados). Editor-chefe dos Cadernos de Estudos Culturais. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. Email: edgar.nolasco@ufms.br ou edgar.nolasco@uol.com.br.

de escrita memorialística que se contrapõe ao modelo tradicional, isso porque o escritor não segue uma linha temporal reta, mas um texto que evoca idas e vindas da vida do escritor. Para desenvolver o conceito de *des-memória*, dialogaremos com André Botelho, em “Penetrável esquecimento: estudo para retrato inacabado de Silviano Santiago” (2021), Christina Queiroz, em “Silviano Santiago: o literato cosmopolita” (2020) e Eneida Maria de Souza, em *Janelas Indiscretas: ensaios de Crítica Biográfica* (2011).

Palavras-chave: Des-memória; Tradição; Passado.

Abstract: The present essay aims to develop the concept of de-memory from the first volume of memoirs by the Brazilian literary critic Silviano Santiago, *Menino sem past* (2021). In this volume, Santiago writes about the first part of his life, 1936 – 1948, in the countryside of Formiga (MG), living with the traditional Minas Gerais family, the loss of his mother, the arrival of his stepmother, the troubled relationship with his father, the first readings carried out in comic books and the cinema. The family environment, at this first moment, is the prism from which the critic writes and which unfolds to a broader context, the national historical and political context. In this way, the essayistic writing of memory summons the boy who lived in the countryside of Formiga and who raised his first letters through reading comics, the voracious reader and young bohemian university student and the experienced and renowned university professor in the area of Literature. The essay is structured from reading keys made available by Silviano Santiago throughout the book and which together build what we call de-memory. Such a concept emerges as another possibility of memorialistic writing that opposes the traditional model, because the writer does not follow a straight time line, but a text that evokes comings and goings of the writer's life. To develop the concept of de-memory, we will dialogue with André Botelho, in “Penetrável esquecimento: estudo para retrato inacabado de Silviano Santiago” (2021), Christina Queiroz, in “Silviano Santiago: o literato cosmopolita” (2020) and Eneida Maria de Souza, in *Janelas Indiscretas: ensaios de Crítica Biográfica* (2011).

220

Keywords: De-memory; Tradition; Past.

Resumen: Este ensayo tiene como objetivo desarrollar el concepto de desmemoria a partir del primer volumen de memorias del crítico literario brasileño Silviano Santiago, *Menino sem past* (2021). En este volumen, Santiago escribe sobre la primera parte de su vida, 1936 – 1948, en el interior de Formiga (MG), viviendo con la familia tradicional de Minas Gerais, la pérdida de su madre, la llegada de su madrastra, la relación conflictiva con su padre, las primeras lecturas realizadas en historietas y el cine. El ámbito familiar, en este primer momento, es el prisma desde el que escribe el crítico y que despliega a un contexto más amplio, el contexto histórico y político nacional. De esta forma, la escritura ensayística de la memoria convoca al muchacho que vivió en la campiña de Formiga y que levantó sus primeras letras a través de la lectura de historietas, al lector voraz y joven universitario bohemio y al experimentado y reconocido catedrático

universitário en el área de la Literatura. El ensayo se estructura a partir de claves de lectura puestas a disposición por Silviano Santiago a lo largo del libro y que en su conjunto construyen lo que llamamos desmemoria. Tal concepto surge como otra posibilidad de escritura memorialista que se opone al modelo tradicional, porque el escritor no sigue una línea de tiempo rectilínea, sino un texto que evoca idas y venidas de la vida del escritor. Para desarrollar el concepto de de-memoria, dialogaremos con André Botelho, en “Penetrável esquecimento: estudo para retrato inacabado de Silviano Santiago” (2021), Christina Queiroz, en “Silviano Santiago: o literato cosmopolita” (2020) y Eneida Maria de Souza, en *Janelas Indiscretas: ensaios de Crítica Biográfica* (2011).

INTRODUÇÃO: subtítulo

Desde meados dos anos 70, venho me prometendo dedicar-me à trama infantil formiguense. Naquela década, escrevo na biblioteca do Latin-American Institute, da Universidade do Texas, e publico na Editora Francisco Alves, os poemas do livro *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. O título em português da coleção de poemas é tradução da língua inglesa que, então, me guiava pela fala incompreensível que se tornava compreensível ao ser descodificada nas legendas dos filmes de guerra: *Growing up during the war in an Overseas Province*. A grafia-de-vida da criança formiguense ganha aqui, neste volume, novo nome, *Menino sem passado*. Roubo-o do poeta Murilo Mendes, autor do clássico *A idade do serrote*.

Por que a cabecinha interiorana do menino se abriu necessitada e desocupada a fim de ser enxertada pelas novas e modernas mídias?

Não se recebe herança cultural por testamento da História, mas ela é ganha de cambulhada com mil outras experiências. É ganha pelo hábitoda convivência cultural (imposta ou não) com uma descendência inesperada e singular de heróis contemporâneos.

SANTIAGO. *Menino sem passado*, p. 52 - 53.

A partir da epígrafe aposta, objetivamos desenvolver o conceito de *des-memória* como uma possibilidade e forma *outra* de se escrever memórias para além do modelo tradicional moderno. Nesse sentido, defendemos que nossa leitura do primeiro volume de memórias do crítico literário e professor universitário Silviano Santiago, *Menino sem passado: 1936 – 1948* (2021), passa necessariamente por um fazer memorialístico cuja ordem cronológica é composta de idas e vindas contrapondo-se ao modelo linear que rege a lógica moderna, na qual as memórias começam pela infância e findam na velhice.

Nesse volume, Santiago escreve sobre a primeira parte de sua vida, 1936 – 1948, na interiorana Formiga (MG), o convívio com a tradicional família mineira, a perda da mãe, a vinda da madrasta, a conturbada relação com o pai, as primeiras leituras realizadas em revistas de quadrinhos e o cinema. O ambiente familiar, nesse primeiro momento, é o prisma a partir do qual o crítico escreve e que se desdobra para um contexto mais amplo, o contexto histórico e político nacional. Dessa forma, a escrita ensaística da memória conclama o menino que vivia na interiorana Formiga e que alçava as primeiras letras através da leitura de hqs, o voraz leitor e jovem universitário boêmio e o experiente e renomado professor universitário na área de Literatura. O ensaio estrutura-se a partir de *chaves de leituras* disponibilizadas por Silviano Santiago ao longo do livro e que reunidas constroem o que chamamos de *des-memória*. Tal conceito emerge como uma possibilidade *outra* de escrita memorialística que se contrapõe ao modelo tradicional, isso porque o escritor não segue uma linha temporal reta, mas um texto que evoca idas e vindas da vida do escritor. Para desenvolver o conceito de *des-memória*, dialogaremos com André Botelho, em “Penetrável esquecimento: estudo para retrato inacabado de Silviano Santiago” (2021), Christina Queiroz, em “Silviano Santiago: o literato cosmopolita” (2020), Eneida Maria de Souza, em *Janelas Indiscretas: ensaios de Crítica Biográfica* (2011) e Wander Melo Miranda, em “Nas fronteiras da invenção” (2022).

222

Como dito, *Menino sem passado* é o primeiro volume de uma série de três que comporão as memórias de Silviano Santiago e possui, ao total, 464 páginas, subdivididas em duas partes e um entreto denominado “A morada do saber”, a primeira com um total de sete capítulos (1. “Menino sonâmbulo”, 2. “Machucado”, 3. “Sobre genealogia e formigas”, 4. “O gosto da rapina”, 5. “Sangue materno”, 6. “O tio Mário” e 7. “Fotos”) e a segunda parte com seis capítulos (8. Sabor de chocolate, 9. A professora Jurandy, o viúvo e eu, 10. A fazenda do paredão, 11. Outra perspectiva: a falência, 12. Só o sombra sabe e 13. Três amigos). Apesar do primeiro volume ter sido lançado em janeiro de 2021, no auge da pandemia de covid-19, o projeto de escrever sua biografia remonta aos anos 70, período no qual o crítico já havia lançado os livros *Salto* (poemas, 1970), *O banquete* (contos, 1970), *O olhar* (romance, 1974), *Ariano Suassuna* (Antologia comentada, 1975), *Iracema* (edição comentada do romance de José de Alencar, 1975), *Carlos Drummond de Andrade* (ensaio, 1976), *Glossário de Derrida* (supervisor desta publicação dos seus alunos do mestrado em Letras da PUC-RJ, 1976), *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (poemas, 1978) e

Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural (ensaios, 1978) e encontrava-se lecionando na PUC – Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

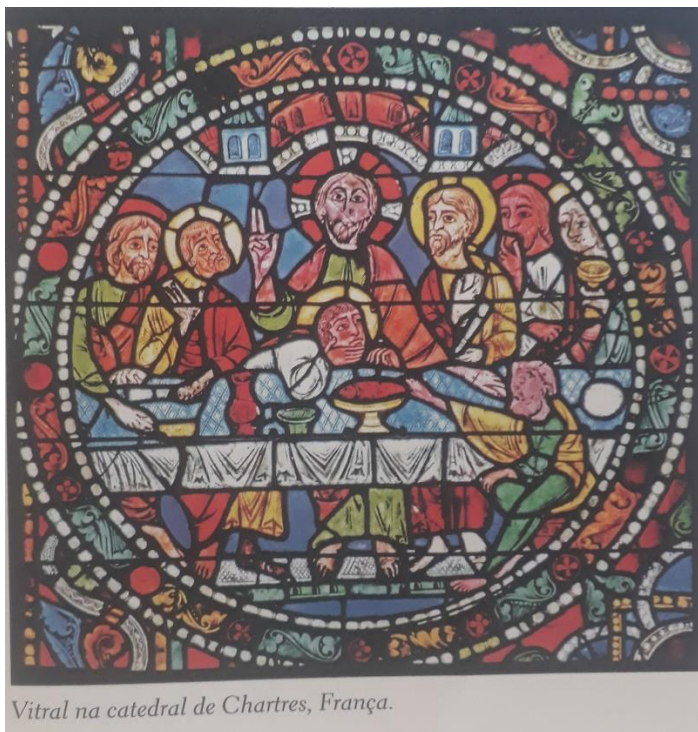
Dessa forma, é necessário ler *Menino sem passado* sob o prisma de um contexto mais amplo, a produção literária e ensaística de Silviano Santiago, isto é, seu projeto intelectual e literário, além de igualmente considerar que o escritor e crítico, já longevo, discorre sobre a necessidade de pensar e escrever sobre sua velhice e infância. Em entrevista concedida à Christina Queiroz, para a revista da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), intitulada “Silviano Santiago: o literato cosmopolita” (2020), o crítico ressalta suas inquietações após distintas e significativas vivências internacionais e nacionais:

Depois de transitar por distintos contextos nacionais e linguagens literárias, quais são hoje suas inquietações?

Tenho me interessado por questões relacionadas à velhice. O tempo não é mais tão elástico e o viver é mais cansativo. A pessoa se torna mais egoísta, porque a sobrevivência é mais dura do que a vivência. Na vivência, a gente é menos precavido. Na sobrevivência, somos mais. Há várias coisas que já não podem ser feitas e o mundo se retrai. Passamos a nos confundir com o próprio mundo. Tento resolver essas questões em três livros, um deles inédito. O primeiro é *Machado*, que trata dos últimos quatro anos da vida de Machado de Assis [1839-1908] e que ganhou o Prêmio Jabuti de melhor romance, em 2017. O livro é um romance da sobrevivência, ideia oposta à do romance de formação. Escritores como Gustave Flaubert [1821-1880] e James Joyce [1882-1941] fizeram livros para retratar o artista quando jovem. Eu quis mostrá-lo velho. Outro livro, que escrevi ao mesmo tempo, foi *Genealogia da ferocidade*, sobre *Grande sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa [1908-1967]. Publicado em 2017, foi imediatamente traduzido para o espanhol. Em 2019, ganhou uma versão lusitana. Até então, minhas leituras desse livro de Rosa tinham sido modestas e eu sentia que tinha uma dúvida com ele, pois queria fazer uma leitura ousada. Recentemente comecei a escrever minhas memórias. Pretendo escrever os volumes que puder e já tenho o rascunho do primeiro, que deverá se chamar *Menino sem passado*. A ação vai de 1936 a 1948. Nele, conto como minha vida inicial foi acidentada. A perda de minha mãe, quando tinha 1 ano e meio de idade, é o tema dominante. Outro é meu interesse por filmes e gibis. Nesse período inicial, eu tinha mais contato com a arte do que com a realidade. Por pior que seja a qualidade dos gibis, eles são uma fonte maravilhosa de conhecimento. Por meio deles, vivi acontecimentos como a Segunda Guerra Mundial, enquanto morava em numa cidade de 30 mil habitantes. (SANTIAGO, Silviano. “Silviano Santiago: literato cosmopolita”. [Entrevista concedida à] Christina Queiroz. **Revista FAPESP**, São Paulo. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/silviano-santiago-o-literato->

escritor francês Jean Cocteau. A capa é o primeiro indicativo das referências culturais e literárias nas quais se hospedam Silviano Santiago e *Menino sem passado*, isso porque remete a uma parte importante de sua trajetória crítica, sua formação em Literatura Francesa, a subsequente tese em relação ao livro *Os moedeiros falsos* (1925), de André Gide, assim como, nos Estados Unidos, o convívio com teóricos franceses, como Jacques Derrida e Michel Foucault. Além do mais, sob um outro prisma, a imagem remete à juventude e, portanto, a um período da vida de Santiago que é basilar para o desenvolvimento do livro.

Imagem 2 – Vitral na catedral de Chartres, França



225

Fonte: SANTIAGO. *Menino sem passado*, p. 05.

A segunda chave de leitura consiste na reprodução do vitral da catedral de Chartres, na França, e que alude a conhecida imagem da última ceia (na qual configuram Cristo e seus apóstolos ao redor de uma mesa comendo). Tal imagem, por conseguinte, não está no início do livro a revelar, mas sim para assinalar uma certa desconstrução da imagem familiar que compõe, por sua vez, o tradicional

círculo familiar mineiro concebido basicamente pela tutela patriarcal. Nesses termos, ao invés do que rege a tradicional constituição familiar mineira, a mãe assume protagonismo, em sua ausência espectral, e, posteriormente, as cuidadoras e, por fim, a madrasta. Faz-se necessário a reprodução de determinado trecho do livro, no qual Silviano Santiago analise o vitral na catedral de Chartres que reproduz a Última Ceia e que remete à configuração familiar dominada pelo patriarca:

Visito a catedral de Chartres.

No vitral, os perfis salientes de chumbo intervêm na composição da cena e dos corpos dos personagens, que se deixam enquadrar por duas circunferências. Desprovidos da transparência pura do vidro, são os perfis de chumbo, escuros e opacos, que compõem a imagem plena da Santa Ceia que se representa por frações e em cores variadas, brilhantes e solares. De longe, cada fração significa mais pela cor que pelo fragmento de figura humana por ela representada.

Perfis de chumbo são suportes negros e sombrios a sustentar as muitas e diferenciadas placas de vidro desenhadas, pintadas e coloridas que ganham semi-independência e autonomia, apesar de contíguas no espaço.

Os perfis de chumbo não permitem que, aos olhos do observador, figuração da imagem da Santa Ceia se recomponha só pela totalidade colorida, luminosa e translúcida. Eles desagregam o todo aparentemente uniforme e colorido da representação artística.

O rosto de Cristo é recortado. Decepados, seu braço, sua mão e seus dedos. Os demais corpos são recortados e fragmentados. Alguns dos doze apóstolos foram expulsos da dupla circunferência e outros, presentes, têm o corpo guilhotinado pelo artista. Nem mesmo as cores reluzem de forma inteiriça e chapada. Ninguém é feito de uma peça só e nada é inteiro. Tudo é fração incomunicável. Obediente à intervenção imprevista dos perfis de chumbo, cada peça se comunica consigo ou com outra pelo alto das muralhas de metal. No vitral, nada é ostensivamente íntegro.

Nem o gestual nem a fala.

Um de vós há de me trair? – sentado num dos bancos destinado aos fiéis, esforço-me por escutar a pergunta avivada pela lembrança do Novo Testamento.

Sou eu, senhor?, respondo-a, repetindo-a em voz alta aos meus botões, enquanto os olhos buscam a imagem da bolsa pesada de moedas de prata, em mãos de Judas Iscariotes.

A ceia familiar se me oferece aos cacos e em esplendor no vitral. Graças à luz do sol da tarde, os perfis de chumbo quebram em frações significantes a imagem bíblica – paixão dos artistas plásticos renascentistas, inventores da perspectiva.

Tomai, comei; isto é o meu corpo – com uma das mãos, ele aponta para o pão.

Bebei dele todos; porque este é o meu sangue – com a outra, para o cálice de vinho.

Comeríamos a mesa, se no-lo ordenassem as Escrituras. (SANTIAGO, 2021, p. 125 – 126).

A desconstrução da configuração familiar tradicional mineira ocorre em paralelo contrário ao vitral da catedral francesa, visto que nessa, a figura central é masculina, portanto, remete ao sistema patriarcal e ao homem enquanto *provedor* e figura de comando na família já numerosa. Em *O menino sem passado*, as figuras centrais são femininas, tal como afirmado, e o texto percorre a influência que tais mulheres tinham em relação ao menino Silviano Santiago. Nesse primeiro momento, a presença espectral da mãe, morta por consequências do parto do irmão mais novo, é constantemente lembrada pelo viés da possibilidade e pelo exercício imaginativo da escrita ensaística. As cuidadoras, Sofia e Etelvina, se sobressaem ao ajudar a construir a rotina familiar por meio do desempenho de suas funções. Por fim, a última figura feminina, a madrasta, Jurandy, aparece na medida em que, ainda que não substitua a figura materna original, assemelha-se pela assimilação das responsabilidades, a mãe original. Contudo, o pai em *O menino sem passado* possui relevância na medida em que conflitua com os filhos e desempenha o papel tradicional reservado aos homens no sistema patriarcal do qual a sociedade mineira da época se vale:

A verdadeira motivação é nostalgia menos antiga e vem dos bancos escolares na universidade, em Belo Horizonte. Durante a viagem de trem, ocorre-me de modo tirânico a recordação de leitura do poema “A mesa”, de Carlos Drummond de Andrade, feita ainda nos tempos de aluno de graduação em Letras.

O poema se encontra no livro *Claro enigma*. O poeta representa os membros duma família tradicional, de cidade do interior mineiro, pela descrição do farto jantar de conagração de irmãs e irmãos em casa do patriarca, no dia do seu aniversário. A ceia familiar é situação imemorial. Obedecem-se aos preceitos da “tábua da lei mineira de família” – para retomar verso de outro poema de Drummond.

Sob o austero e intimidante olhar do pai, o alimento compartilhado pelos descendentes famintos sacia o apetite dos corpos, mas não sacia a fome de saber. Outros e menos concretos alimentos terrestres reabrem a curiosidade sentimental de cada um dos comensais e atíça. Indiscriminadamente, as mentes se abrem à especulação. Lembram fatos e aventuras, especulam sobre detalhes e divagam sobre peripécias. Apoiam-se na observação e no conhecimento de cada que cada um e todos têm de cada um e de todos. São os elos estabelecidos desde a infância e ocasionalmente rompidos que significam a corrente do sangue e dão trela à conversa informal [...] (SANTIAGO, 2021, p. 127 - 128).

Uma terceira chave de acesso remete ao início do livro, no qual configuram duas epígrafes, uma do poeta brasileiro Murilo Mendes, cujo poema enxertado atribui nome ao livro, “Menino sem passado”, “Fiquei sem tradição sem costumes nem lendas [...]” (MENDES *apud* SANTIAGO, 2021, p. 07) e a segunda epígrafe é composta por um trecho do poema “Feuillets d’Hypnos”, do francês René Char, a qual consiste em “Nossa herança não é precedida por testamento algum” (CHAR *apud* SANTIAGO, 2021, p. 07). Tais epígrafes remontam a uma questão cara ao texto, tradição e passado e como tais questões influenciam no processo de tessitura do primeiro volume de memórias. Nesse contexto, ao se utilizar do enxerto de um poema de Murilo Mendes, no qual afirma ter ficado sem tradição, costumes e lendas, antes de tudo, Santiago assinala para o equilíbrio que pauta seu projeto intelectual e literário e que percorre sua relação com a tradição literária. Nesses termos faz-se necessário o diálogo com o texto “Penetrável esquecimento. Estudo para retrato inacabado de Silviano Santiago” (2021), de André Botelho:

A obra de Silviano Santiago está inteira na questão da repetição com diferença. Nela, teoria e ação só existem em referência a uma ontologia da diferença e da relação, que se contrapõe a outras de caráter sintético e substancialista. “Hospedagem” vem modificar esse espaço complexo, entre a assimilação a um modelo original e a necessidade constante e incansável (e quem sabe inalcançável) de reescritura. Acrescenta, adensa e afeta o que sabíamos até aqui da obra de Silviano a partir das categorias “entre-lugar” (como contraposição às diferentes sínteses entre “original” e “cópia”), “inserção” (em contraposição à “formação”) e “cosmopolitismo” (em contraposição ao autocentramento eurocêntrico). Repetição com diferença ela mesma, “hospedagem” permitirá a irritação mútua entre essas categorias ao mesmo tempo que exigirá repensar a autodiferenciação da obra de Silviano em relação ao seu “ambiente” (a estética – ação/reflexão) e a modificação que acarreta aos ambientes como um todo, já que poderá gerar ressonâncias (em particular sobre a questão da diferença cultural na sociedade brasileira). Mas também poderá alterar nossa compreensão da sua ficção, e mais especificamente da sua autoficção. O que poderemos apreender de *Menino sem passado* situando-o na relação homológica entre grafia-de-vida e composição do texto? (BOTELHO, 2021, s/p).

As várias hospedagens nas quais se ancoram *Menino sem passado* possibilitam que esse texto remeta ao procedimento memorialístico de tecitura entre as referências culturais, o *bios* e o contexto social, cultural e político. Dessa forma, Silviano Santiago escreve o primeiro volume de suas memórias como um equilibrista experiente que dosa, de forma crítica e coerente, o diálogo com a tradição literária / cultural e a relação com o contexto que o cerca:

No livro-penetrável, temporalidades se baralham. O que desconcerta a história é a memória que sobrevive a e ultrapassa o seu/nosso tempo, sempre possibilitando combinações variadas. Lendo *Menino sem passado* (a versão impressa) na Tebas da peste e da tirania em que se converteu o Brasil de hoje (quero repetir), pude hospedar minha infância, inteiramente transcorrida durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), na do narrador, vivida por sua vez sob a ditadura anterior, a do Estado Novo (1937-1945). Na tragédia autoritária e autocrática de um país, a memória como solidariedade, reconhecimento e integridade do “eu”. Uma aliança no tempo. As cenas da ponte em Formiga (MG), com a incrível coreografia dos meninos, mostrando que o tipo de curiosidade de cada um deles encontra unidade com seus corpos em seus movimentos ao mesmo tempo próprios e relacionais, e as do campo de futebol trazem a força da passagem, no fundo, tão dramaticamente difícil para o *Menino Sonâmbulo*: da descoberta da cidade que existe para além da família, da parentela, da vizinhança. Descoberta do outro e do eu que encontra duplo paradoxal – e estruturante do livro – no fascínio exercido pelos “viajados” e especialmente pelo primo Donald, feito combatente na Segunda Guerra Mundial. Um self entrelugar, cosmopolita e hóspede está se forjando. (BOTELHO, 2021, s/p).

Diante da citação de Botelho (2021), ressaltamos a relação mais ampla de *Menino sem passado* com o contexto social, político e cultural de outrora, mas também evidenciamos a relação com a situação atual, na qual, junto com uma outra obra de Santiago, *Fisiologia da composição* (2020), possuem forte conexão com a situação pandêmica, dado que foram lançados em um momento no qual a orientação por parte dos Órgãos competentes era a de se isolar. Uma outra relação construída, a partir do primeiro volume de memórias, é a que se refere, não a tradição literária, mas a cultura popular:

Durante as matinês carnavalescas no cinema do seu Franklin, animadas pelo alto-falantes a explodir as últimas marchinhas de sucesso, sou devolvido ao mundo dos mortais de carne e osso. Usados pelos super-heróis dos gibis, as fantasias e apetrechos se tornam palpáveis e verdadeiros. Máscaras negras se tornam imprescindíveis. Capas coloridas esvoaçam pelo salão. Botinhas e botas viram moda. Calçam meninos e meninas, rapazes e moças. O Rei momo e seu séquito de xeiques e odaliscas baixam à terra e endossam a realidade da imaginação estrangeira interiorizada pela criança.

Caem no samba e, vestidos como heróis das histórias em quadrinhos e atores e atrizes de cinema, cantam as marchinhas da moda. Aromatizado pelo spray do rodo de lança-perfume Rhodida, o lenço branco, se cheirado e passado adiante, aquece e embrutece o grupo de rapazes foliões. A prise é o sonho veraz da imaginação carnavalesca.

Sou mero comparsa – silencioso e distante – na narrativa da História universal que transcorre e é escrita no hemisfério Norte. (SANTIAGO, 2021, p. 58 - 59).

Por fim, retomamos a questão do passado que se mescla com a tradição. Sob a égide da trajetória e do projeto intelectual de Silviano Santiago, a tradição literária e, especialmente, a tradição memorialística, não são fixas, visto que, tal como afirma Souza ao discorrer sobre a autobiografia de Jean-Paul Sartre, *As palavras* (1963), Santiago “Inverte, ainda, o esquema da autobiografia tradicional, ao lançar pistas, optar por uma estratégia que rompe com o acúmulo de informações e instaura o vazio e o silêncio na escrita” (SOUZA, 2011, p. 71). Dessa forma, podemos afirmar que Silviano Santiago, ao longo de *O menino sem passado*, inverteu o esquema lógico do fazer memorialístico ao tecer seu texto com idas e vindas de sua vida, de 1936 até 1948, visto que não são raros os momentos em que, ao falar da infância, o crítico brasileiro recorda sua formação acadêmica primeiro nos bancos do curso de Letras Neolatinas da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e, em seguida, na França (Sorbonne), nas Universidades dos Estados Unidos (Rutgers, Nova York, Buffalo, Indiana) e Canadá (Toronto).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, André. Penetrável esquecimento. Estudo para retrato inacabado de Silviano Santiago. Disponível em:< <https://blogbvps.wordpress.com/2021/04/29/penetravel-esquecimento-estudo-para-retrato-inacabado-de-silviano-santiago-por-andre-botelho/>>.

Acesso: 03 set. 2021.

QUEIROZ, Christina. Silviano Santiago: o literato cosmopolita. Disponível em:<https://revistapesquisa.fapesp.br/silviano-santiago-o-literato-cosmopolita/>. Acesso 02 set. 2021.

SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: 1936 – 1948*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SOUZA, Eneida M. de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Leitura Crítica Recebida em 27 de fevereiro de 2021

Leitura Crítica Aceita em 05 de junho de 2021

